

# PROCLAMAÇÕES À PÁTRIA

## IV

### PROCESSOS CASTELHANOS...

**As constituintes de Espanha decidem que o cidadão perca a nacionalidade espanhola quando a mude voluntariamente ou quando sirva um exercito estrangeiro, excepto se fôr o português...**

OUTUBRO — 1931

Portuguêses :

Mais uma vez é necessario vir perante vós chamar a atenção para um facto que, embora pouco ruidoso, nos apresenta possibilidade de se tornar bastante grave dentro de pouco tempo.

Está em discussão no parlamento espanhol a constituição da jovem republica ; encontra-se, certamente, bem presente no espirito de todos os portuguezes o aspecto iberista com que o regimen se apresentou.

Pois bem, é preciso recuarmos um pouco nos tempos para realisarmos um paralelo interessante.

Em Setembro de 1868 implantou-se em Espanha a primeira republica.

Alguns tempo depois, os governantes republicanos — e tinham pelo menos, a qualidade inestimavel de serem sinceros — declararam-se incapazes para continuarem a governar o pais e entregam-no novamente aos monarchicos.

Surge a difficuldade do rei que deve ocupar o trono e é convidado D. Fernando, que tinha sido rei de Portugal, pelo seu casamento com D. Maria II.

O espanhol Mazarredo, proponente de D. Fernando ao trono de Espanha, explica assim o seu gesto.

«O meu candidato ao trono é um principe que se acha á altura de tão grande missão, e compreenderá sem duvida que a separação no futuro, á medida que se compliquem os sucessos no velho mundo, será a ruina total da peninsula ibérica. A interminavel decadencia que pesa sobre ambos os povos não se extinguirá nunca, permanecendo o seu isolamento ; e bom exemplo dessa triste verdade, foram os estereis esforços, que, para recuperar o esplendor perdido, fizeram o marquez de Pombal e o rei Carlos III.

«Morto D. Fernando, quem lhe sucederia ? O filho mais velho de D. Luiz I, e pela desaparição dessa linha a descendencia masculina das duas infantas, irmãs do actual rei de Portugal. Ambas teem filhos varões, de cinco anos de idade, e o marido de D. Antonia é um jovem de apenas sete lustros, sumamente ilustrado e militar valente, que pertence ao ramo catolico dos Hohenzollern. E' irmão da rainha Estefania, que faleceu sem sucessão de D. Pedro I, filho mais velho de D. Fernando e D. Maria da Gloria.»

Como vemos o raciocinio não pode estar mais claro.

As vantagens da união estamos nós hoje vendo bem claramente quaes eram. Mas adiante...

Alguns iam mesmo mais longe, declarando os monarchicos : *Monarquia democratica como meio, união iberica como fim*, respondendo os republicanos : *Façamos os Estados Unidos da Iberia.*

Portuguêses :

Suponho que se alguma palavra portuguesa pode dar um nome proprio a esta attitude, apenas serve: *desfaçatez*.

Querer conseguir por uma revolução interna, com todos os seus habitantes divididos por uma convulsão politica o que nunca conseguiram, unidos como um só homem durante sete seculos de guerra, é certamente o que nós costumamos chamar uma espanholada.

Mas os anos passam, sessenta pouco mais ou menos, e os homens não melhoram, são ainda os mesmos a desmentir todas as teorias da evolução da humanidade.

E' quando a Espanha se encontra a braços com a maior convulsão de toda a sua vida, que vem, dividida e fraccionada, religiosa, regional, politica e socialmente, que ela vem, essa adoravel Espanha de muita parra e pouca uva, a pretender fazer a união ibérica.

Que entende essa gente por união iberica, se eles se não entendem uns com os outros ? Se o emaranhado de raças e uma postiga união os levou á borda de um abismo, que cegueira leva esses homens a pretender atirar mais uma acha para a fogueira ?

E' que isto não é realidade, são ainda os mesmos homens de 68, espectros apenas, mas igualmente incompetentes e igualmente falhos de visão, a teimarem em impôr uma idea que ha sessenta anos era já errada.

Mas vamos a um outro ponto em, que pelos processos usados, prova que os homens, são ainda os mesmos.

Em 1869 o sr. Zorilla concede aos professores portugueses um determinado numero de privilegios. O perigo e o intuito destas amabilidades estão bem patentes no facto de todas as corporações scientificas portuguesas terem oposto a maior e unanime resistencia á reciprocidade proposta por Caldas Aulette em 1870.

Hoje lança-se mão de processos iguais ; de outras concessões estão *nuestros hermanos* anciosos de nos comularem.

Mas chegou o momento de provarmos que somos tambem — e com mais razão, pois que nos encontramos dentro do direito — os mesmos e que somos em tudo e por tudo dignos descendentes dos intellectuaes portugueses de 1870.

### **Não queremos concessões, não queremos reciprocidades.**

E' o caso que foi aprovado no parlamento espanhol o art. 23.º da Constiuição, determinando os casos em que os cidadãos espanhoes perdem a nacionalidade, a saber :

1.º Por entrada ao serviço do exercito numa potencia estrangeira sem autorisação do Estado espanhol ;

2.º Por adquirir voluntariamente a naturalidade em país estrangeiro.

Muito bem ; no entanto são exceptuadas para este caso, *quando haja reciprocidade*, os países de lingua espanhola e Portugal.

Nós, portugueses temos a responder o seguinte :

1.º O serviço militar é a mais forte e mais decisiva declaração de nacionalidade. Um soldado português, e como está bem provado em mil e uma batalhas que contra a Espanha travamos, tem como fim ideal da sua vida militar, dar o seu sangue pela sua Patria.

Não se pode ter duas Patrias pela mesma rasão que não se pode ter duas mães. Quando um homem é soldado do exercito português, põe implicitamente a sua vida á disposição da Patria contra todo e qualquer inimigo externo.

A Patria é a nossa mãe comum. A essa unica queremos, a essa unica defenderemos.

### **Não queremos concessões, nem queremos reciprocidades.**

2.º Quando se é português, ou quando se toma voluntariamente a nacionalidade portuguesa, isso representa já em si uma afirmação de se não querer ser espanhol.

Então como se pode manter a reciprocidade num ponto destes ? Então um espanhol que se naturalisa português, fica tendo as duas nacionalidades ?

Isto toca a loucura. Se um espanhol se naturalisa português é exactamente porque lá tem as suas razões para que nunca mais na sua vida lhe possam chamar espanhol.

E como querem *nuestros hermanos* cortarem aos seus compatriotas a liberdade de abandonarem na estrada um fardo que lhe pesa ?

Para nós, **não queremos concessões, não queremos reciprocidades.**

Portuguêses :

Como acabais de ver são os mesmos intuitos e são ainda os mesmos processos. A preocupação da absorção escondida no fundo dos corações e exteriorizada uma excessivamente incomoda amabilidade.

Tanto em 1869 como em 1931, chovem as gentilezas, somos cumulados de atenções que teem todas no fim, como os cartões de boas festas, um pedido de gorgeta.

Querem união ibérica. Que noção teem os nossos vizinhos do significado da palavra União ?

Teem um país formado de retalhos, resultado de habilidades politicas dos reis Fernando e Isabel.

Com raças e linguas diferentes, os povos que então forçadamente formaram o país que hoje se chama Espanha, trabalham clara e decisivamente pela sua independencia. São os proprios madrilenos que apòs a retirada do rei Afonso XIII condenam esse acto politico da unificação do país, destruindo a estatua da rainha Isabel ; os tumultos interminaveis que estalam em todo o territorio mostram bem claramente que a situação é insustentavel.

E é depois disto que se quer que Portugal faça a União ? Pois se eles proprios estão todos bem desunidos !

Como os argumentos não chegam, pretendem estabelecer a confusão ; os soldados servem independentemente ao exercito espanhol ou português ; o cidadão tem as duas nacionalidades, conseguido este *desideratum* Portugal perdeu praticamente a sua independencia politica.

Mas nós, portugueses, nunca fomos para a Espanha senão vizinhos, e muito maus vizinhos. E nesta situação queremos continuar.

E, sobretudo, **não queremos concessões, não queremos reciprocidades !**

*Carlos Coimbra.*

## PROCLAMAÇÕES JÁ PUBLICADAS

- I — *Uma aliança luso-catalã, por Mario Saa.*
- II — *Ofensiva geral, por Carlos Coimbra.*
- III — *Até ao mar cantábrico, por Mario Saa.*
- IV — *Processos castelhanos, por Carlos Coimbra.*